

### A longa busca da utopia \*

Celso Furtado<sup>§</sup>

#### Influências intelectuais

Em realidade, eu sofri três ordens de influência. Trabalhei, primeiramente, sob a influência da última fase do positivismo, que era a idéia de que a ciência explica tudo. Não era o positivismo primário, mas a confiança na ciência, em sua capacidade de buscar a verdade. Sem isso, não se chega à ciência, mas ao ensaísmo, à literatura. Quer dizer, foi uma espécie de metafísica construtiva que adotei muito cedo, talvez por influência de parentes (eu tinha uma biblioteca positivista em casa).

Mas a influência maior que tive em seguida foi a de Marx, por meio de Mannheim, o homem da sociologia do pensamento, da sociologia do conhecimento. Como eu já expliquei em algum de meus livros, Karl Mannheim colocou a realidade do conhecimento humano no contexto social. Quer dizer, não era mais a verdade abstrata, era o conhecimento criado pelos homens com as suas limitações, e isso me projetou diretamente na História. E também na idéia de que o homem é co-responsável pelo que faz. Esse historicismo me penetrou muito cedo... Eu diria que fui um historicista, foi a primeira influência que me marcou, porque as outras, como a do positivismo etc., depois eu apaguei, e, de uma forma ou de outra, fui perdendo aquela confiança na ciência. Mas o historicismo ficou, ou seja, a idéia de que a história é o contexto que envolve tudo, que dá ao homem um marco de referência mais significativo para pensar e de que quem não tem esse pensamento histórico não vai muito longe. Isso é o que separa um pensador do economista moderno, que pretende ser um engenheiro social.

A terceira influência importante que sofri, e que me favoreceu, foi da sociologia norte-americana, por intermédio do Gilberto Freyre. Não que o Gilberto Freyre tivesse influência, mas *Casa-Grande e Senzala* me revelou um universo de coisas que eu não conhecia. Essa

---

\* A revista *Economia Aplicada* agradece aos professores Leda Maria Paulani e Armênio Rangel pela entrevista realizada, em julho de 1997, com o professor Celso Furtado.

§ Doutor em Economia pela Sorbonne (Paris), ex-professor da Sorbonne. Ministro do Planejamento do Governo João Goulart (1962 e Ministro da Cultura do Governo José Sarney (1986).

dimensão cultural das coisas, o relativismo cultural que daí decorre vai redefinir o perfil do mundo histórico. Então, eu passei a ler muitos estudos de sociologia americana - eu estudei inglês muito cedo -, e tive essa influência construtiva. E é curioso porque, na verdade, eu tinha antes uma atitude, que era corrente na minha época, de considerar o Gilberto Freyre um homem demasiadamente ligado ao capitalismo. Mas a verdade é que ele trouxe para o Brasil uma renovação completa no estudo da sociologia. Eu diria, assim, que tive a sorte das circunstâncias, de poder combinar essas três heranças.

Ainda com relação à minha ligação com o marxismo, ter começado esse caminho por Mannheim, pela sociologia do conhecimento, me abriu horizontes, me fez parar para pensar, repensar, rever. Então, quando tomei contato com o marxismo propriamente dito, e li *O Capital*, de Marx - já na França, onde fiz um curso de marxismo -, eu já tinha alcançado um grau de conhecimento (inclusive de economia) que me impediu de cair nas facilidades do marxismo econômico, um determinismo muito simples, que era a cartilha do *Anti-Dühring* que a rapaziada lia. Quando cheguei ao Brasil, já tinha lido economia bastante, já tinha doutorado em economia, e isso também me permitiu não cair nas facilidades dessa cartilha.

### **A ciência, a atividade do pesquisador e sua relação com o trabalho**

O que move a atividade do pesquisador varia muito de uma pessoa para outra. Mas uma coisa é fundamental: é ter imaginação e ter confiança na imaginação. A confiança na imaginação já significa uma forma de intuição, ou seja, a percepção de que se pode intuir uma realidade de que se conhece somente um pedaço, como um paleontólogo. A imaginação é fundamental para isso. Quer dizer, a qualidade do pesquisador é, de alguma maneira, determinada pela sua imaginação e pela confiança que tem nela. Isso me encoraja a fazer a seguinte afirmação: a ciência se constrói, em grande parte, por aqueles que são capazes de ultrapassar determinados limites, e hoje esses limites são dados pela própria universidade. Porque, vejamos, você entra na universidade e encontra, digamos assim, “produtos enlatados”, tudo já preparado, não é preciso imaginar, basta discutir o que já está feito. No entanto, há muita gente capaz que não chega a explorar suas possibilidades de inteligência e criatividade porque o próprio ambiente acaba restringindo-as. E o que é a criatividade? É ligar a imaginação à percepção do real.

Para mim era claro, eu me recordo bem, que ou me apoiava em minha imaginação ou então teria que me pôr a copiar as coisas ordinárias que existiam (isto, talvez porque eu tenha vivido num mundo ainda muito incompleto, quase primitivo do ponto de vista de criação científica em ciência econômica e em ciências sociais no Brasil). Mas, ainda assim, acredito que o passo a mais que nós demos na América Latina foi justamente esse: imaginamos que éramos capazes de identificar os nossos problemas e de elaborar uma teoria para eles, ou seja, imaginamos

que havia uma realidade latino-americana, uma realidade brasileira, e então o fundamental aí tinha que ser captado diretamente dessa realidade. Mas essa confiança toda que eu adquiri foi por conta de ter trabalhado na CEPAL, porque lá foi uma verdadeira escola de pensamento e lá começamos a ser respeitados.

Mas além da imaginação e de uma determinada postura perante a História, é preciso que tenhamos, enquanto pesquisadores, compromisso com alguma coisa, e aí entramos inevitavelmente no problema da ética. Vejam, a ciência é uma coisa nobre, foi um discurso do homem para compreender o mundo, para conhecer-se a si mesmo. Então, foram desenvolvidos métodos para se alcançar esses objetivos. Mas a ciência não é independente da sociedade onde ela surge. Se, no século XIX, criou-se uma ciência social tão ligada aos interesses da dominação européia, foi, por alguma razão, relacionada àquela mesma sociedade. Mas a ciência social de verdade tem que responder às questões que são colocadas pela sociedade, precisa ser uma ciência pura, desinteressada. Isso não é fácil. A ciência acaba sempre atendendo a uma clientela (principalmente a ciência aplicada), quer dizer, responde a questões que lhe interessam.

Na minha época, o que nos estimulava era a questão da industrialização, e ela interessava a uma classe importante no Brasil, que estava lutando para participar do poder, o qual era totalmente monopolizado pelos latifundiários, pelos grandes interesses tradicionais, do comércio exterior etc. Portanto, havia uma sintonia de nossas aspirações com esses interesses - não vou dizer que era uma coisa desinteressada. Mas como pesquisadores, estudiosos, não podemos nos eximir de compromissos mais amplos, porque há muitas áreas que não merecem atenção da ciência, e são áreas vitais. Por exemplo, já se demonstrou como a simples produção de alimentos poderia aumentar muito se as técnicas não estivessem completamente a serviço de certas empresas que dominam o campo da produção desses bens.

Então, a questão é essa: existem limitações ao desenvolvimento da ciência que são intrínsecas, ou seja, criadas pela própria sociedade. Mas, independentemente dessas limitações, existe o fato de que as ciências ligadas à problemática humana confrontam-se com um desafio maior ainda, que é o de identificar os problemas fundamentais do homem, o que já entra no terreno da religião, da metafísica. A única coisa que podemos dizer sobre isso, nós os cientistas, os pesquisadores, é que o compromisso com o ser humano é mais amplo do que qualquer outro, é muito mais amplo do que o compromisso com os valores da minha própria cultura, do que os compromissos de classe ou os políticos. A própria ética, portanto, aparece como algo ligado ao domínio da metafísica ou da religião. Como homens de ciência, nós temos tanta responsabilidade como qualquer outro cidadão, não podemos nos contrapor aos outros só porque somos economistas e entendemos mais disso ou daquilo.

## Ciência e universidade: imaginação X ciência institucionalizada

Nesse sentido, é bom lembrar que a luta que travamos na CEPAL foi também contra excessiva “academicização” da ciência, que acaba sendo uma forma de subordinação e de constrangimento do pensamento (quem não escrever numa determinada linguagem, quem não utilizar determinados modelos, está fora, não é ouvido, é como se não tivesse nada a dizer). Essa situação é bastante visível em toda parte. A ciência institucionalizada é isso, e acaba sendo explorada por um sistema de poder. Tome-se qualquer revista de economia “classe A” do EUA ou da Inglaterra. Quem é que escreve ali e quem é que lê? Quem atende a um determinado gabarito, a um suposto padrão de excelência. Mas isso tudo constitui, na verdade, uma grande autocensura, contra a qual podemos nos revoltar, embora seja difícil.

Num país como o Brasil, a ciência foi até certo momento bastante amadora. Na minha época, os que escreviam sobre economia eram amadores; sabia-se muito pouco, mas havia muito mais liberdade, não havia todos esses controles e a imaginação podia trabalhar mais livremente. Levou algum tempo até que aparecessem as primeiras revistas que depois se firmaram e começaram a estabelecer os gabaritos. Foi em 1947 que apareceu a primeira revista importante, que viria depois ditar as coordenadas. Era a *Revista Brasileira de Economia*, da FGV/RJ e do Gudin. Contra a revista do Gudin, nós fundamos, em 1950, *Revista Econômica Brasileira*, para quebrar a barreira. É verdade que eu tinha conseguido publicar Prebisch já na revista de Gudin, na qual eu mesmo fui publicado uma ou duas vezes, mas era muito policiado, então tivemos que criar nosso próprio espaço.

Não podemos nos esquecer de que, independentemente de tudo isso, a ciência sempre coloca questões inesperadas para os homens, pois, se é verdade que ela é uma forma de controle social, ela nunca consegue se livrar inteiramente dos heréticos e nada tem mais importância na história da humanidade do que a heresia. É preciso que haja pessoas com coragem. Por isso eu dizia que a imaginação é complicada, que se necessita ter coragem para arriscar muito, submeter-se a provas, e em certas circunstâncias é muito difícil encarar tudo isso. Se o pesquisador depende de títulos, de publicações, de aprovações em concursos, tudo se complica enormemente. Hoje a situação é completamente diferente do que era na minha época e não sei se é possível revertê-la.

Veja, eu tenho dois filhos envolvidos com a ciência: um é físico, está lá em Campinas, no Telebrás, no Conselho Nacional de Ciência, e outro é economista, está na UNICAMP como professor. Eles discutem muito comigo os projetos deles. Eu percebo que estão cada vez mais limitados no que podem fazer, porque o projeto precisa ser aprovado para ter um financiamento, porque depois você precisa conseguir uma publicação numa boa revista, d

preferência internacional etc... Então você tem de se submeter ao campo que tem uma clientela, e fica inventando formas de contorná-lo para poder fazer o que quer. Às vezes, o melhor da imaginação aí se esgota ....

Mas, na minha época, a coisa também não era fácil. Enfrentamos grandes dificuldades para conseguir fazer o que fizemos. A verdade é que, quando surgiu a CEPAL, foi uma coisa tão inusitada que deixou todo mundo perplexo. Porque, no início, na época dos meus primeiros trabalhos, havia uma censura enorme dentro das Nações Unidas. Certos programas e certos temas eram praticamente proibidos sob a alegação de que “isso é ideologia” Mas finalmente criou-se um clima na América Latina que permitiu definir uma problemática nova que fez romper tudo isso. Quando ficou claro que os países da América Latina só tinham um caminho para modernizar-se, o qual era a industrialização, aqueles que estavam nessa pista encontraram rapidamente um grande espaço. Aqui no Brasil, criou-se o BNDES, que passou a financiar tudo isso. Eu vim para cá pela CEPAL, passei dois anos aqui fazendo um estudo de projeções da economia brasileira, que acabou servindo de base para Juscelino fazer o Plano de Metas. Para a época foi uma pesquisa de vanguarda, porque não existiam técnicas de planejamento. Nem os russos nunca tinham publicado nada a respeito. Eu tinha estudado o pouco que existia sobre isso na Europa e, então, dentro da CEPAL, criei um núcleo para estudar esse tema, e foi a CEPAL que criou o primeiro Manual da Técnica em Planejamento Econômico. Era um planejamento macroeconômico, que dava conta de todas as variáveis sociais, e propiciava uma visão de todas as possibilidades e também o comando de certos parâmetros. Foi o que se pôde fazer com as limitações daquela época, e isso nunca havia sido feito no Brasil.

Às vezes eu fico pensando que, hoje em dia, existe muito mais recurso, muita gente trabalhando, muitas cabeças novas, e, contraditoriamente, a possibilidade de se criarem novas iniciativas parece que não existe mais. Além de tudo, a economia vai se tornando uma ciência cada vez mais formal, que é exatamente a negação da ciência social. A ciência social é a de uma coisa que está sendo criada: a sociedade humana. A ciência social se baseia na idéia de que o homem é, antes de tudo, um **processo**, não é um **dado**, uma coisa inerte. Portanto, aplicar às ciências sociais a tecnologia das ciências naturais é aceitar, de imediato e *a priori*, uma limitação considerável. Pode haver alguns terrenos, alguns campos de pesquisa, em que isso seja importante: ali onde você confunde perfeitamente a ciência social com a engenharia social. Mas, com a minha experiência de vida, eu continuo convencido de que o importante não está aí.

Todas as épocas produzem suas contradições, e é aí que é preciso ousadia para encarar os problemas, é daí que surgem as heresias e as heterodoxias. É verdade que, do jeito que as coisas vão, a heterodoxia vai custar cada vez mais caro. Mas quando lembro que a

heterodoxia, no passado, dava fogueira e que muita gente enfrentou a fogueira para não abrir mão de sua independência, então acredito que haverá sempre quem tenha essa coragem, da qual dependerá o destino dos homens. Quando eu era criança, ou muito jovem ainda, me diziam que é preciso ter vergonha na cara, agir segundo suas próprias convicções etc.. Mas a verdade é que ter princípios é muito fácil quando não se põe em risco a vida dos filhos, o alimento da família. Quando tudo isso está em risco, pedir dignidade ao homem é mais difícil. Isso é cruel, é duro, mas tem um fundo de verdade. Assim, a sociedade acaba dependendo de indivíduos capazes de superar essas limitações, seja morrendo na fogueira, como Galileu, seja mentindo um pouco, usando sua manha para salvar a pele mas sem abrir mão de suas idéias.

Mas eu tenho a impressão de que, numa sociedade rica, como a brasileira hoje, num mundo universitário amplo como é o do Brasil de hoje, há espaço para surgir pesquisas de vanguarda, pesquisas heterodoxas, e, também, pesquisas que só reproduzem os valores e padrões estabelecidos. E o que seria uma verdadeira pesquisa científica hoje, uma pesquisa de vanguarda? Creio que o grande tema que está posto, e acho que sobre isso quase todos estariam de acordo, é a exclusão social. Esta é a grande questão a ser discutida, e é um tema que interessa a todos, não só aos países pobres. Quem escrever um artigo original sobre isso vai ter espaço.

O problema está em que, quanto mais rica a sociedade, mais conservadora ela é. Vivi pessoalmente isso nos Estados Unidos. Quando cheguei a Yale, escrevi um trabalho sobre subdesenvolvimento, defendendo a tese de que aquele era um campo privilegiado para a pesquisa científica, para a pesquisa econômica, e fiz uma palestra para americanos de lá. A reação foi a seguinte: “muito interessante, Celso, mas quem vai financiar uma pesquisa sobre isso? Você não vai conseguir nenhum financiamento e nenhuma revista de prestígio vai dar importância a isso.”

### **A elaboração do “*Formação Econômica do Brasil*”**

Às vezes se diz que a sorte ajuda ... quem tem sorte. As pessoas me perguntam como escrevi o *Formação Econômica do Brasil*. Quando eu fui trabalhar na CEPAL, e juntei todos os dados disponíveis (que não eram muitos, eram fundamentalmente dados de comércio exterior), constatei que era evidente que estávamos muito atrasados em comparação com outros países da América Latina. Então comecei a compreender o desprezo com que, normalmente, se referiam ao Brasil: o Brasil era secundário. A Argentina, por exemplo, que era um país com uma população de menos de um terço da do Brasil, tinha uma produção

industrial bem maior, e, no âmbito da indústria mecânica, da indústria de bens de capital, muito maior ainda. O México tinha acumulado um potencial de desenvolvimento enorme, comparado com o Brasil, e o Chile era um gigante, do ponto de vista da produção *per capita*. O Chile ainda não tinha uma grande indústria, mas uma indústria sofisticada, que era a mecânica.

Tudo isso, para mim, constituiu um desafio. Se eu não estivesse fora do Brasil provavelmente não teria prestado atenção nisso, mas o fato de viver fora, de trabalhar numa equipe internacional, com uma porção de pessoas que me mostravam as coisas, me obrigou a enfrentar esse desafio, que era decifrar o Brasil, entender onde estavam os erros. Será que nós, os brasileiros, éramos realmente inferiores, como muita gente insinuava? Ou será que a classe dirigente brasileira é que não tinha política, não tinha uma visão clara das coisas, não tinha projeto para alavancar o País? Essas perguntas, juntamente com as “armas” de que eu dispunha - conhecimentos das ciências sociais modernas, particularmente da macroeconomia - me deram uma vantagem tremenda e, digamos assim, ganhei uma cabeça à frente de outros. Eu conversava com Prebisch e ficava perplexo com o respeito que ele tinha por nós, jovens economistas de sua equipe. Prebisch dizia: “Celso, nós estamos pensando com a nossa cabeça” Essa é que era a novidade, de fato.

Antes do meu livro, havia o livro do Simonsen, que organizou uma boa equipe e reuniu toda a informação estatística disponível, principalmente do período colonial. Se não existisse o livro do Simonsen, eu não poderia ter escrito o meu. Mas o livro era uma coletânea de fatos, tinha um caráter descritivo, não era uma interpretação. Pois bem, eu me detive no livro do Simonsen praticamente por um acidente. Quando eu estava indo para Cambridge, já com todas essas perguntas na cabeça e com a experiência da CEPAL e do contato com Prebisch, o avião teve de pousar em Recife, e eu fiquei ali, durante dois ou três dias, esperando novo avião. Nessa ocasião, entrei, por acaso, na livraria Imperatriz, e fuçando livros para passar o tempo catei o do Simonsen. Eu já tinha dado uma olhada nele no passado, mas percebi que era uma edição nova, cheia de pequenas novidades. Comprei-o e levei comigo no avião. Quando cheguei, já sabia o que ia fazer.

Relendo o livro do Simonsen, naquelas circunstâncias, ficou-me clara a idéia de que eu podia fazer um livro muito diferente do que tinha sido feito anteriormente. Eu mesmo já tinha escrito um livro, *Economia Brasileira*, que tratava inclusive da economia colonial, mas mais baseado no conhecimento que vinha do meu doutorado na França. Lendo o livro do Simonsen, eu percebi que havia um enorme material empírico sobre o Brasil que nunca tinha sido aproveitado, que estava ali esperando que alguém o aproveitasse. Assim, cheguei a Cambridge e mudei meu plano de trabalho. Fui destrinchando toda a estatística que estava no Simonsen. Isso me abriu o apetite e fui para a biblioteca de Cambridge. Lá encontrei inclusive o livro do

Wilemann. Assim, eu, que tinha ido à Inglaterra, entre outras coisas, para rever o *Economia Brasileira* e preparar uma nova edição, acabei escrevendo um livro completamente novo. Sabem que algumas partes são aproveitadas do anterior; nem tudo eu podia reinventar. Essa é a história do *Formação*.

Minha avó dizia: “Há pessoas que nascem com estrela e outros estrelados” E eu digo: talvez caído o livro do Simonsen nas minhas mãos, justamente naquele momento, só posso atribuir à sorte. Cheguei na Inglaterra com o Simonsen na mão, aprendi muito mais ainda sobre estatísticas colonial e, remexendo nas estatísticas na biblioteca de Cambridge, encontrei vários complementos para o livro. Trabalhei duramente e, no final, resultaram 300 páginas escritas à mão.

E vejam como a sorte me ajudou novamente, pois escapei de um acidente que teria sido uma verdadeira tragédia para mim. De fato nasci com estrela para algumas coisas. Vejam o que aconteceu. Eu tinha que mandar tudo isso para o Brasil. Quando ia levar o trabalho ao correio, encontrei um colega inglês e fui conversando com ele. Então, disse-lhe: “vamos passar no correio, que eu tenho que mandar este livro para o Brasil, estas trezentas páginas aqui”, e ele respondeu-me: “Celso, você é louco? Confia assim no correio?” “Mas o que você quer que eu faça?” repliquei. Ele então levou-me ao serviço especializado da biblioteca de Cambridge, para que se fizesse uma microfilmagem. Eu deixei o trabalho com eles, fui buscar no dia seguinte e nem me interessei em saber se o filme estava bom ou não (eram outros tempos... imaginem se hoje se faz uma coisa dessas...) Entreguei o livro no correio, no dia seguinte, e fui para uma conferência em Bursa, na Turquia. Quando volto, nada do livro chegar nada do livro chegar. Aí entrei em desespero. Fui ver o estado do microfilme, para ver se prestava ... e prestava!

## **As teses sobre industrialização e a CEPAL**

### **Classes dominantes, agricultura e atraso**

Sobre a geração dos 30 (Sérgio Buarque, Caio Prado etc.), eu queria dizer alguma coisa. Em realidade, quem viveu esse período habituou-se a ver o Brasil como um país essencialmente agrícola e atrasado. Fui o primeiro a ligar a idéia de atraso à predominância da agricultura. Quando se percebe que a agricultura não levou nenhum país ao verdadeiro desenvolvimento ainda que possa haver uma simplificação nisso (a Nova Zelândia seria uma exceção), surge a idéia muito clara de que a industrialização é a única forma de desenvolvimento. Eu sou de um

mundo em que ainda se discutia se o Brasil podia ter liberdade de iniciativa para implantar certo tipo de indústria. Essas idéias eram correntes. Em um de meus livros cito até um relatório da Ford dizendo que o clima do Brasil não servia para a instalação de indústria química ou pesada. Eram terríveis os preconceitos contra a industrialização. Pelas estatísticas brasileiras percebia-se que 90% da exportação era de produtos primários agrícolas, e que o País vivia disso. Portanto, era essa a razão do atraso. E como superá-lo? Escapando ao padrão de desenvolvimento agrícola tradicional, a agricultura primária, e avançando para a industrialização. A industrialização, para um jovem como eu, dos anos 40, era na verdade um horizonte de progresso, o autêntico progresso.

Não é que já não houvesse indústrias no Brasil, mas não havia sistema industrial, não havia indústria de bens de capital. Então o sistema não podia se reproduzir por si mesmo, só podia se reproduzir à medida que ele importasse equipamentos, tecnologia. Essa transição, o jovem de hoje nem sempre entende, pois já se criou num mundo em que a indústria é um fato corrente. Mas a industrialização foi o objetivo de toda uma geração, e isto, no mundo inteiro, principalmente no caso dos jovens das periferias.

O Brasil chegou aos anos 30 como um país essencialmente agrícola. Quando cheguei na CEPAL, e tive de fazer o primeiro fórum, reuni as estatísticas de indústria da América Latina. Eu me encarreguei disso em 1948, 49. Fui compilando dados, quadros, e o que se destacou é que o Brasil era um país muito atrasado na própria América Latina! Então pensei: isso é uma inépcia da classe dirigente do Brasil, não uma inferioridade do brasileiro. Como se poderia aceitar essa inferioridade? Eu já tinha superado todos os preconceitos raciais, de clima etc., toda essa ideologia, essa visão primária do século XIX, que foi, na verdade, uma ciência para dominar o mundo. O problema era a classe dominante. Daí vem a minha confrontação com os que mandam no Brasil.

Mas havia um grupo de industriais brasileiros com visão - é preciso reconhecer. Gente como Guinle não tinha essas idéias de que o atraso era inerente ao País. Eu o conheci - ele era concessionário das Docas de Santos, muito poderoso. Conto num de meus livros minha entrevista com ele, num almoço em Petrópolis - eu já era da CEPAL, já tinha certa penetração nesses círculos -, eu, ele e Raul Fernandes, que eram os dois luminares do Brasil, e Gudin, que era um grande economista, muito reconhecido no meio. Gudin ria deles, dizendo que o Brasil era um país atrasado, sem indústrias, fora da modernidade. Eles ficavam calados, achando que era natural, que o Brasil era assim mesmo. Portanto, quando você dizia: o processo de desenvolvimento passa, e se inicia por um processo de industrialização, isso chocava muita gente.

## O liberalismo e a luta pela industrialização

Eu me recordo de ter participado de uma reunião latino-americana, que se promoveu em Santos, em 1949, na qual o grande debate foi saber se esses países da América Latina podiam ou não se industrializar, se isso era natural, ou se iriam perder terreno se industrializando. E eu pensava: o que significa perder terreno? Isso só fazia sentido na teoria clássica das vantagens comparativas: você se industrializava subaproveitando o seu potencial de recursos naturais. Esta era a tese que muita gente defendeu. Era a única teoria econômica que se aceitava universalmente. E eu me recordo bem de que falei já como membro da CEPAL, portanto, imbuído de outras idéias, e que precisei de muito cuidado para tratar do assunto.

Eu estava falando da primeira teoria, por assim dizer, heterodoxa, e que rompia a tese ricardiana das vantagens comparativas que, como disse, era a única verdade econômica indiscutível. E aí surge essa teoria, que na verdade foi formulada nos Estados Unidos, de que a indústria infante tinha que ser protegida. E o curioso é que isso se percebia como uma coisa empírica, não era algo “que se demonstrasse” Como você vai concorrer com as grandes indústrias inglesas com a sua indústria têxtil que está nascendo? Nessa época, era este o debate no Brasil. Percebi logo que estávamos atrás nesse debate. Porque os americanos tinham passado por tudo isso, e sabiam como proteger sua indústria, como ter um sistema industrial. Era claro que se tinha de abrir o terreno com uma política de industrialização.

Naquela época, qualquer pessoa que tivesse uma certa experiência sabia que o liberalismo era, na verdade, anacrônico. O professor Gudin era um dos homens mais influentes do Brasil, e era adepto ferrenho do liberalismo (o fato é que ele, na confrontação de idéias com o Roberto Simonsen, levou uma vantagem considerável, porque tinha uma formação econômica bem mais completa. O Simonsen era um engenheiro, um homem muito inteligente, mas não tinha uma formação de economista nem assessores à altura).

## A importância de Prebisch

Quando entrei na CEPAL, já tinha vivido na Europa, tinha algumas “armas” Não era um jovem brasileiro ingênuo. Portanto, percebi, de imediato, que a CEPAL poderia ser um grande instrumento na luta política contra a direção da política econômica brasileira. Na direção da CEPAL estava Prebisch, que conquistou um grande respeito de todo mundo. Era um indivíduo excepcional, o único economista da América Latina reconhecido internacionalmente. Ele tinha dirigido o Banco Central da Argentina nos anos 30, no momento da crise de 1938, e conseguiu elaborar e praticar uma política anticíclica já naquele momento. Essa política foi elogiada, à época, como de vanguarda.

Quando li o primeiro trabalho que Prebisch fez sobre a economia latino-americana e seus principais problemas - que chamamos de Manifesto -, pensei: “temos aqui, agora, o que estávamos precisando, a alavanca para demover as grandes resistências no Brasil.” De imediato, pedi para traduzir e publicar o artigo no Brasil. Assim, a primeira publicação do texto foi em português, e não em espanhol, porque o trabalho nas Nações Unidas circula mais lentamente. Publiquei o texto na revista de Gudin, o que significava, digamos assim, entrar na boca do leão. Ele ficou um pouco admirado, chocado, vendo aquilo, e disse: “Mas, Celso, o Prebisch deve estar louco!” E assim tivemos uma séria discussão. Foi quando ele convidou uma série de sumidades para “desinfectar” o ambiente. Chamou Lionel Robbins e muitos outros economistas importantes, para virem ao Brasil e mostrarem, principalmente aos estudantes, que a CEPAL estava errada. Tentaram convencê-los disso, mas só mostraram, no fim das contas, que nós estávamos dizendo coisas muito importantes. A “peste” do Prebisch pegou, quer dizer, a “peste” do industrialismo, e da forma que o desenvolvimento deveria tomar. Passou a se difundir cada vez mais a percepção de que a América Latina tinha um grande terreno a conquistar, tinha todas as possibilidades de se desenvolver, só faltava a política adequada. Então convidava-se Prebisch para ir a São Paulo, fazer conferências, debater com os industriais brasileiros. Realmente, era isso o que nós queríamos e o Brasil foi um país onde a ideologia da CEPAL pegou, formou gente, deu “armas” para se lutar. Dez anos depois, no final dos 50, quando se publicavam os dados sobre o Brasil, todos defendiam a industrialização.

É importante saber que o Brasil não se industrializou por acaso. Teve uma política, feita a contragolpe, é bem verdade, porque a classe dirigente brasileira não estava preparada para isso. Em São Paulo havia uns poucos industriais influenciados por Simonsen. Mas, de uma maneira geral, a classe dominante no Brasil era tradicionalista, uma oligarquia latifundiária que mandava no governo federal. Contudo, o Brasil devia ter uma vocação tão clara para a indústria, que foi se industrializando um pouco contra a maré. Por exemplo, aqui se compreendeu muito cedo que o sistema de câmbio era muito importante, principalmente para uma política de defesa dos preços do café. Isso foi um passo enorme: ter uma política de câmbio cobrindo a mais importante atividade econômica do País. E essa política de câmbio levou o Brasil a uma situação meio irracional, que foi a de defesa do câmbio, mesmo quando já não havia mais nenhum sentido. Mas o Brasil sabia que se tocasse no câmbio vinha abaixo o preço do café. E, ao sustentar as taxas de câmbio, durante dez anos, sobrevalorizou a sua moeda, o que significou fantástica transferência de dinheiro para o setor industrial, beneficiário das divisas todas que o Brasil obtinha. As divisas eram usadas para industrializar o País: comprava-se equipamento industrial subsidiado. Era um mecanismo de crescimento econômico.

A primeira postura política claramente favorável à industrialização no Brasil foi no governo de Vargas, nos anos 50. Foi quando houve a criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, da Petrobrás, o projeto de criar a Eletrobrás etc.

### **As conseqüências da industrialização e a teoria do subdesenvolvimento**

Naquela época, tínhamos como certo que o desenvolvimento econômico (e a industrialização como sua mola principal) era condição necessária para resolver os outros problemas da sociedade brasileira (a desigualdade enorme na distribuição da renda e da riqueza, as disparidades regionais). Mas sabíamos que não era condição suficiente. E, nesse sentido, minha vida foi simultaneamente um êxito e uma frustração: um êxito pelo fato de que eu acreditei na industrialização, na modernização do Brasil e isso se realizou. E uma frustração porque eu talvez não tenha percebido com suficiente clareza as resistências que existiam à concretização mais firme desse processo, ou seja, que, a despeito da industrialização, o atraso social ia se acumulando.

Quando, já no começo dos anos 60, me dei conta disso, desenvolvi minha teoria sobre o subdesenvolvimento, cuja tese básica afirmava que nosso progresso não ia reproduzir o padrão europeu. Defendi então a idéia de que havia nessa questão um amplo campo à espera de teorização. Como já contei, cheguei aos Estados Unidos, fiz uma conferência sobre isso e não consegui ninguém que publicasse. Eu também percebia que o crescimento econômico do Brasil, sua industrialização, anesthesiava-o para a percepção dos outros problemas; os pobres, os sem-terra, os acossados pela seca sempre podiam migrar para o Sul, e o Nordeste podia ficar como estava. Criava-se a ilusão, que era específica do subdesenvolvimento, de que a migração podia resolver todos os problemas de todas as pessoas. Isso, aliás, percebi muito cedo, antes mesmo de elaborar minha teoria do subdesenvolvimento, que considero a contribuição mais importante que dei em matéria de teoria econômica.

De modo que tenho escrito sobre todas essas questões desde há muito, mas isso não teve nenhum desdobramento concreto ou influência decisiva na política do Brasil. A única conseqüência de meus escritos foi minha própria passagem pelo Nordeste, como superintendente da Sudene. Os militares, que depois me cassaram, não tinham nada contra mim, até me tratavam muito bem. Quando, em 1959, apresentei o primeiro plano de irrigação do Nordeste, que era uma espécie de reforma agrária disfarçada, eles me apoiaram, votaram a favor de sua realização.

Fazendo um balanço, eu diria hoje que logramos a industrialização, mas não tivemos êxito no plano social; os problemas foram se acumulando. Faz dez ou vinte anos que o setor

industrial de São Paulo praticamente não cria emprego, e a gente toda que vai se acumulando lá é marginalizada, excluída socialmente. Esse é um problema extremamente grave e, no entanto, não vemos nada de efetivo sendo feito.

## **Globalização, Estado Nacional e a situação do Brasil**

### **A globalização como reação ao fortalecimento das organizações sociais**

Quanto à tão falada globalização e às conseqüências que ela traz, eu gostaria de notar que o quadro de desenvolvimento globalizado da economia mundial me parece um tanto falso. Estamos vivendo uma fase nova, e há uma pobreza muito grande de idéias. Quando a realidade muda, os instrumentos que o homem comumente utiliza tornam-se insuficientes. Se nós refletirmos um pouco, vamos ver que o que gerou a sociedade moderna e democrática não foi a ideologia, nem a tecnologia; foi um processo histórico em que se confrontaram forças muito diversas. Os grupos sociais que desenvolveram uma fantástica acumulação de riquezas impuseram a organização social.

Por exemplo, o que seria da Europa se ela não tivesse tido a social-democracia? Foi a social-democracia que modificou o seu perfil. Ela ampliou enormemente os mercados europeus e permitiu que a Europa se transformasse no que é hoje em dia. Se os operários da Europa e a massa da população não tivessem se organizado em sindicatos, em frentes únicas das mais variadas formas, se não tivessem lutado por salários mais altos, a situação seria outra (inclusive para nós). Eu diria que a sociedade moderna, que nós consideramos democrática e aberta, formada pelo individualismo, por um lado, e por outro lado pela disciplina social (imposta pela organização da população) seria, caso essa luta não existisse, totalmente dominada pelos interesses egoístas.

Hoje, essa sociedade está sofrendo uma transição, que decorre do enfraquecimento das organizações sociais dos países ricos. Os países industrializados estão sofrendo um forte processo de exclusão social, como na Europa, e de concentração de renda, como nos Estados Unidos. É um duplo processo que, visto por outro ângulo, é uma planetarização do sistema de produção. Esse processo está se espalhando por toda parte, as indústrias correndo de um lugar ao outro, para a Ásia particularmente. Ora, isso não é nada mais do que uma forte reação contra o poder formidável das organizações sociais do Centro.

Mas pode haver algo positivo nisso, porque a planetarização da economia faz com que os investimentos já não sejam tão concentrados nos Estados Unidos como foram no passado.

Claro que os Estados Unidos se beneficiam por causa da moeda universal que emitem e porque podem financiar-se no exterior sem limites. O que eu quero deixar bem claro é que o processo atual está levando a uma desconcentração da atividade produtiva e que, portanto, já não estamos na época em que tudo convergia para o centro, estamos numa época de difusão que se manifesta de formas muito diversas.

### **O enfraquecimento do Estado Nacional**

Há algo que me parece permanente nesse processo: é o enfraquecimento do Estado nacional. O Estado nacional, que era na verdade o grande defensor dos interesses coletivos, particularmente nos países ricos, está perdendo terreno. Aqui se levanta de imediato a seguinte questão: e num país como o Brasil, que ainda está em formação, em que o Estado nacional tem uma responsabilidade tão grande, histórica, com tantas áreas em que atuar, formação da mão-de-obra, desenvolvimento da saúde pública etc., como ficamos? Isso é um problema que temos que resolver, nós mesmos, não é problema da globalização, é problema de vontade política nacional. É preciso que as classes dirigentes brasileiras compreendam que o Brasil é um país que está em um certo estágio evolutivo, e nesse estágio ele tende a se desarticular, a se debilitar, se não tiver uma política nacional. Mas ele não pode se contrapor ao processo de internacionalização porque este processo responde, digamos assim, a uma força mais profunda, que vem do mundo inteiro, decorrente da migração das indústrias européias, e das vantagens do dinamismo econômico no sudeste da Ásia.

Olhando bem, percebe-se que os desafios são distintos: em um grande país em formação, como o Brasil, eles são de um tipo; nos países da Europa, são de outro. Lá, a maior preocupação é com a exclusão social. Há forças se organizando, mas me parece que a globalização ainda é a força maior.

Como é possível ser otimista se, a despeito da difusão dos investimentos, estaríamos ante um processo de generalização da exclusão social, já que aquilo que sempre foi o dia-a-dia da periferia está hoje ocorrendo na própria Europa? Na periferia, digamos, no caso do Brasil, a população era praticamente toda excluída, em virtude do subdesenvolvimento. Com a industrialização, começou a haver uma certa incorporação e a formação de uma classe média. Na realidade, não foi bem uma incorporação, foi uma redução na área dos excluídos. Houve uma transformação enorme do País. Não vejo como pensar o Brasil sem ser a partir das grandes forças globais, já que o Brasil foi uma criação da economia internacional, e teve sua fase de reação “dialética” E ganhou bastante terreno aí, criou uma economia nova, mas nem por isso deixou de estar inserido nas forças internacionais, globais, porque a tecnologia, que é

o fator mais importante nesse processo, é global e quem tem uma tecnologia de vanguarda consegue se fixar no mundo inteiro.

### **Crescimento econômico, política social e reforma agrária: o espaço para uma política alternativa no Brasil**

Tudo isso posto, temos duas questões a enfrentar: até que ponto ainda haveria espaço para um outro tipo de política no País, e como encarar a relação entre desenvolvimento e política social? Em primeiro lugar, é preciso lembrar que nosso País tem, acumulados, problemas que se originaram em momentos diferentes de sua história econômica e social. O Brasil tem, em termos relativos, a maior massa de excluídos do Ocidente. O problema do Brasil é atraso social, não é atraso econômico. Quando digo isso, estou vendo um lado da realidade que a perspectiva do crescimento por si só não capta. É evidente que o Brasil não pode deixar de crescer, porque sem crescer todos os problemas se agravam.

O que me impressiona, hoje em dia, é a falta de sensibilidade social, porque não se fala muito nisso, que é o fator mais negativo do País. Como uma pessoa como o Fernando Henrique, que é sociólogo, tem consciência dessas questões e sabe muito bem discuti-las não dá prioridade a isso? Esse movimento dos sem-terra justificaria qualquer ação mais firme do governo na direção da reforma agrária. Fernando Henrique devia agradecer-lhes. Trata-se de um alibi político perfeito, o governo pode se escudar nisso para tomar as medidas que quiser, mas não vemos nada de efetivo. Por quê? Bem, talvez porque o poder mude as pessoas, então as prioridades mudam e coisas como a reeleição acabam vindo em primeiro lugar.

Mas, retomando a questão, o atraso na qualidade do fator humano, por exemplo, é imenso em nosso País. Por outro lado, o setor industrial – que é o mais dinâmico em qualquer economia – está hoje empenhado, no Brasil, em aumentar sua competitividade internacional. Isso independe do enfrentamento dos problemas de estrutura ligados ao atraso no campo. Ora, o Brasil é o único país que reúne todos os meios para enfrentar o problema do atraso rural, porque tem demanda insatisfeita, população desejando voltar para o campo e muita terra para plantar. Há terras acessíveis e boas, e, no entanto, há gente passando fome. Isso só pode ser uma insuficiência de política no campo específico da estrutura agrária.

Portanto, eu acredito que se poderia perfeitamente isolar o problema da estrutura agrária e enfrentá-lo, com todas as possibilidades de êxito; e, resolvendo esse problema, estaríamos resolvendo, em parte, o da exclusão social no Brasil. Seria possível reter no campo uma massa considerável da população em condições de sobrevivência muito superiores às atuais. Pensando nesses termos, sou otimista com respeito ao Brasil. Não temos os problemas,

comuns a tantos países, de meios escassos para contornar as dificuldades. Nos países ricos, como os da Europa hoje em dia, essa exclusão social que está nascendo é muito mais complicada de resolver. Eles não podem, por exemplo, conciliar o desenvolvimento da agricultura com criação de emprego. Ora, no Brasil você pode aumentar bastante a área cultivada e o emprego.

É espantoso que o Brasil seja, talvez, o único país do mundo que ainda não resolveu seu problema fundiário. Trata-se de evitar a armadilha do raciocínio que os economistas vivem fazendo: “tudo depende de tudo” Não é assim! Pode-se mexer em muita coisa no Brasil, se houver vontade política.

### **Estado e os serviços públicos no Brasil**

Na Europa, eles têm abordado o problema do desemprego pela regulamentação das horas de trabalho; esse expediente acaba tendo uma repercussão na competitividade internacional dos produtos. Portanto, tem de haver compensações sociais. No passado, resolviam-se esses problemas manejando a questão do subsídio, das compensações, mas hoje você não pode fazer isso porque o Estado está quebrado na Europa, tanto quanto aqui, e isso é outro tema que deveria ser estudado: o que está por trás da pobreza financeira e da quebra dos Estados?

Por que o Brasil, por exemplo, hoje, não pode investir um tostão? Por que, como eles mesmos dizem, o setor público só pode investir se endividando, já que não tem um tostão de poupança? (e essa dívida vai ter de ser paga de alguma maneira). Até agora não vi nenhum estudo importante explicando a razão desse enfraquecimento do Estado Nacional e do orçamento público. Não me parece que o Estado gaste hoje mais do que no passado, ou que seja mais ineficiente do que no passado. Então, por que a degradação do setor público? O primeiro ponto que eu levantaria é: que influência tem a desmoralização do setor público, notável hoje em dia, sobre a sua eficiência, por exemplo?

A verdade é que, atualmente, todo mundo tem vergonha de trabalhar no setor público e isso tem conseqüências. Antigamente era o inverso. Quem tinha um emprego público era reconhecido. Quando fiz o concurso para o Dasp, tive que apresentar uma tese, e era um prestígio enorme, ganhava-se bem... De certa forma, constituía-se com isso uma elite no País. O Banco do Brasil, por exemplo, era um banco respeitadíssimo e todo mundo sabia que era dos mais modernos. É difícil saber quando começou a degradação do setor público, o que é causa e o que é efeito.

Mas, para estudar o setor público também é preciso ter em conta o crescimento desmesurado da urbanização. Cria-se uma sobrecarga enorme sobre os serviços públicos, sobre o serviço de saúde, por exemplo. Quando eu comecei a estudar essas questões, a população do campo não tinha acesso à saúde, nem se dava importância a isso. Tinham seus métodos caseiros. Hoje em dia, essa massa está nos hospitais e os serviços foram ficando cada vez mais sofisticados. Quer dizer, mudou completamente a natureza do serviço público.

Mas a atitude da sociedade para com o serviço público mudou ainda mais. Não sei explicar como um governante, tendo consciência da importância para uma sociedade de ter um serviço público decente, se põe a desmoralizá-lo, forçando a passagem para o setor privado. Ora, o setor privado, por definição, está voltado para o interesse pessoal e não vai se dedicar ao interesse público. Adam Smith já nos ensinou a desconfiar do empresário privado que se importa demasiado com o interesse público. Numa situação dessas, alguma coisa está errada, ou a empresa dele ou a sociedade.

O serviço público é uma coisa respeitável, e deve ser respeitada, principalmente num país como o Brasil, que é na verdade uma obra do Estado. Antes de haver o Estado brasileiro só havia os índios. É o próprio Estado que pode consertar a sociedade brasileira, é nesse terreno que se tem algum espaço para a atuação política. Aprendi pela vida afora que o poder corrompe muito, não necessariamente pelo dinheiro, mas pela vaidade... Entramos aí no terreno do bem e do mal, e sinceramente nunca sei até que ponto o mal não é criado pelas simples circunstâncias.

## **Globalismo e perspectivas do desenvolvimento humano**

Eu acho que há uma diferença muito grande entre aquilo que se poderia chamar de sistema de valores substantivos e aquilo que se poderia chamar de sistema de valores formais. Os valores substantivos são os que transcendem a ciência, e, pelo seu universalismo, abrangem todos os homens. Portanto, existe uma solidariedade global humana imanente e é ela que explica, a meu ver, o avanço que está havendo na internacionalização da política. Parece-me que existe uma consciência de que há uma co-responsabilidade universal. Trata-se de uma espécie de “globalismo” que não se confunde com esse processo muito complexo, do qual ouvimos falar todos os dias, e que diz respeito ao efeito da dominação das grandes empresas. O globalismo ao qual me refiro é o efeito da tomada de consciência da solidariedade entre todos os homens.

É verdade que o mundo hoje, nesse aspecto, parece muito mais complicado, porque

estamos num momento de mudanças, de transição de etapas, em que a sobrevivência parece cada vez mais difícil e os antigos laços de solidariedade parecem estar se rompendo. Mas vamos tentar não ter uma visão caricatural das coisas. O problema do homem é o maior de todos, e o avanço que se está conseguindo atualmente na tomada de consciência da solidariedade intrínseca entre os homens pode ser observado na luta contra as armas nucleares. Eu sou membro da Comissão Internacional de Bioética da Unesco, e aí nos reunimos para debater tudo o que é comum aos homens. Isso é um avanço, comparando com o que vi no passado. A política internacional do passado era conflito de egoísmos nacionais, e, hoje em dia, tem-se uma série de instituições, de congressos, de organizações que partem da idéia de que há interesses comuns entre os homens.

Tenho a impressão de que se avançou algo nesse terreno, e de que há mais percepção da solidariedade entre os homens. O problema das armas nucleares colocou os homens diante da evidência de que eles já são capazes de destruir o mundo e isso criou uma responsabilidade totalmente nova. Percebeu-se que a organização do poder não pode ser irresponsável: onde existe poder, tem de haver limitação. Portanto, isso é uma mudança qualitativa na percepção da História.

Outro fato que marca época nessa questão é o desenvolvimento da engenharia genética. A perspectiva de que se poderão produzir amanhã homens fabricados pela engenharia genética, de que pode surgir uma outra espécie de humanidade, artificial, talvez sem sentimentos, desenha um quadro inteiramente novo e determinado historicamente. Os desafios são novos. Quem antes se apoiava apenas nas religiões para enfrentar problemas dessa ordem, hoje se dá conta de que isso não basta. Percebe-se com mais clareza que é preciso criar uma solidariedade humana que esteja acima dos fundamentalismos, que hoje parecem intrínsecos às religiões. A solidariedade teria de reconstituir um pouco o sonho que no passado se teve de uma religião da humanidade. Só que hoje isso tem uma base objetiva, o que faz uma grande diferença.

Concordo que essa solidariedade está sendo forjada devido ao medo da destruição. Mas a verdade é que foram atitudes positivas do homem que levaram a esses avanços. A própria energia atômica, por exemplo, surgiu do desejo de criar formas mais baratas de energia. As conseqüências de todo ato humano podem ser positivas ou negativas. Assim, apesar da bomba atômica, e do risco que ela representou com a corrida armamentista durante cinquenta anos, o que estamos vendo hoje é que a energia atômica se transformou numa benesse para muitos povos...

## **A emergência de uma nova sociedade**

São as lutas sociais que transformam a sociedade. O que está havendo hoje na Inglaterra, na França traduz a inquietação e a angústia de uma população que não está aceitando o modelo de sociedade que vem se criando. Aí entra em jogo a questão da utopia, ou seja, o uso da imaginação para criar movimentos novos – e é isso que deve emergir na Europa. Interessa aos grupos empresariais europeus explorar mão-de-obra do mundo inteiro, por isso se trata de um projeto global. Então, há conflito de interesses. Pode ser que haja, em função dessas lutas, um recuo forte do processo de globalização, mas, se não houver, os europeus terão que se conciliar com isso, transformando sua sociedade, reduzindo a jornada de trabalho, criando outros tipos de atividade que ocupem a imaginação humana. Uma outra sociedade pode emergir de tudo isso.

Então, o que eu não posso acreditar é que o homem como projeto tenha estagnado, que ele esteja necessariamente num caminho que só leva à destruição. Tudo estava apontando para isso com a ameaça das armas atômicas. Foi uma prova tremenda, mas a humanidade a ultrapassou. Em suma, parece-me que a capacidade inventiva do homem e a capacidade criativa dos processos revolucionários aí continuam, à disposição das pessoas.

